

**A ESTILÍSTICA *QUEER*
NA PROBLEMATIZAÇÃO DO HOMOEROTISMO
NO ENSINO DE LITERATURA**

Elio Marques de Souto Júnior (UFRJ)

eliomsj@yahoo.com.br

RESUMO

Este minicurso se propõe a investigar de que forma os pressupostos teóricos da estilística e dos estudos *queer* podem se articular no ensino de literatura a fim de conscientizar os aprendizes acerca do uso estético da linguagem nos textos literários e seus efeitos na construção do homoerotismo masculino. Conforme Carter (2007), nos últimos anos, muitos linguistas aplicados têm se dedicado ao estudo da relação entre língua, literatura e educação, destacando a complementaridade dos estudos linguísticos e literários. Nesse contexto, a literatura, além de ser um artefato cultural e histórico (ZYNGIER, 1994), é uma forma de uso da linguagem (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007). Desse modo, ao estudar os meios pelos quais o significado é construído nos textos literários pelo uso da língua, a estilística constitui um aporte teórico-metodológico para o ensino da literatura (MORGGARD, 2010). Nesse sentido, a análise estilística focaliza os aspectos fonológicos, lexicais, semânticos, pragmáticos e discursivos nos textos, bem como o processamento cognitivo de tais aspectos. A linguagem também exerce um papel central nas teorizações *queer*, uma vez que a sexualidade e o gênero são construídos historicamente por discursos institucionais, tais como o religioso, o médico-psiquiátrico, o pedagógico etc., cujo objetivo é classificar os comportamentos sexuais com base em uma concepção de normalidade (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 2001; LOURO, 2004; MISKOLCI, 2012; SULLIVAN, 2003). Com efeito, concebendo a educação como uma prática transformadora (HOOKS, 1994), é possível combater a homofobia nas escolas através da conscientização dos aprendizes acerca do fato de que, através do discurso, é possível desconstruir ou reforçar preconceitos e discriminações.

Palavras-chave: Ensino. Estilística. Homoerotismo. Literatura. *Queer*.

1. Introdução

A literatura, segundo Cosson (2006), além de ser uma prática discursiva e social, é um espaço no qual convergem leituras do

histórico, do social e do cultural. Tendo em vista que o discurso não é neutro nem desinteressado, mas atravessado por relações de poder e pela ideologia, o texto literário, ao representar certas identidades, pode marginalizá-las ou legitimá-las. (SIMPSON, 2004)

Nesse sentido, a sala de aula de literatura, assim como a de língua, pode constituir um ambiente onde significados e identidades são negociados e construídos nas interações dialógicas mediadas pelo discurso nas quais os sujeitos se engajam (MOITA LOPES, 2002). De fato, o trabalho com a linguagem é um dos modos para que se possa problematizar identidades sexuais na sala de aula. (TÍLIO & SOUTO JÚNIOR, 2014)

Tendo em vista que, nos últimos anos, tem havido um aumento no interesse em torno da relação língua, literatura e ensino (CARTER, 2007), a estilística passa a ser uma ferramenta metodológica para abordar textos literários. Isto posto, este artigo propõe uma perspectiva *queer* da estilística para problematizar as identidades homoeróticas masculinas na aula de literatura.

Na primeira seção, será discutida o conceito de estilística, que pode ser definida como o estudo dos efeitos causados nos leitores por escolhas linguístico-discursivas (ZYNGIER, 1994). Além disso, será enfatizada como uma abordagem estilística do texto literário pode ajudar a desenvolver a conscientização literária dos aprendizes a fim de que possam interpretar tais textos de forma autônoma e crítica.

O foco da segunda seção será na análise dos pressupostos teóricos da teoria *queer* cujo postulado principal é o de que as categorias de gênero e sexualidade são construções sociais e discursivas (LOURO, 2004). Portanto, por meio da desconstrução dos discursos falocêntricos que estabelecem e sustentam a ideologia heteronormativa, a teoria *queer* busca questionar as visões naturalizadas e essencializadas dos gêneros e das sexualidades.

As premissas da estilística *queer* serão discutidas na terceira seção, apoiada na análise crítica do discurso, que concebe a linguagem como prática social e, por isso, atravessada por ideologias

e relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001), a perspectiva *queer* da estilística visa problematizar as representações do homoerotismo masculino através de uma análise das escolhas linguístico-discursivas feitas pelo autor do texto literário.

2. O ensino de literatura e a estilística

A literatura, enquanto prática cultural, constitui um registro sócio-histórico da evolução da sensibilidade do ser humano (ZYNGIER, 2001). Os textos, assim como a história de sua recepção, refletem os modos como determinados temas foram privilegiados e pensados ao longo da história da civilização. Portanto, o ensino de literatura possibilita que os aprendizes compreendam a importância da arte literária em suas vidas (COSSON, 2006). Entretanto, ainda hoje, discute-se se o foco do ensino de literatura deve ser na perspectiva histórica, sociológica ou na análise textual. (ZYNGIER & FIALHO, 2010)

Como afirmam Zyngier, Fialho & Rios (2007), o principal objetivo do ensino de literatura é o de sensibilizar os aprendizes para o texto escrito. Considerando o texto literário como uma ação comunicativa, faz-se necessário conscientizar os aprendizes acerca do uso linguístico em tais textos. De fato, o texto literário é um artefato linguístico, uma vez que é constituído por uma combinação de recursos linguísticos que se materializam no uso.

Nesse sentido, o ensino de literatura deve possibilitar a conscientização do leitor para as escolhas linguísticas que influenciam a construção do significado de um texto literário, bem como para a percepção do que é dito ou escrito de forma implícita (MCRAE & CLARK, 2004; SIMPSON, 2004). Assim, tal conscientização pressupõe a aquisição e o desenvolvimento de certa habilidade para compreender e avaliar padrões linguísticos nos textos literários, o que remete a uma abordagem estilística no ensino de literatura.

A estilística, conforme Norgaard, Montoro & Busse (2010), é o estudo de como os significados são construídos nos textos lite-

rários por meio da escolha de determinados recursos linguísticos. Os estilistas, pois, aplicam modelos provenientes da linguística como ferramenta analítica. Desse modo, a análise estilística busca descrever e explicar como e por que os textos significam de uma forma particular, produzindo, assim, determinados efeitos nos leitores. (ZYNGIER & FIALHO, 2010)

Há, segundo Zyngier (2001), duas correntes de análise estilística, as abordagens textualmente orientadas e as contextualmente orientadas. As primeiras interessam-se apenas pela descrição de padrões linguísticos, desconsiderando como os textos literários significam em um dado contexto. As abordagens textualmente orientadas concebem "o texto como predominantemente monológico, estável e autorreferente". (MCRAE & CLARK, 2004, p. 329)

As abordagens contextualmente orientadas, por outro lado, compreendem o texto literário a partir de uma visão dialógica na qual o significado é construído na interação entre autor, leitor e texto (MCRAE & CLARK, 2004). Tais abordagens buscam investigar como as forças históricas e sociais influenciam a produção e recepção dos textos. Assim, para essas abordagens o texto literário e o contexto social estão em uma relação dialética.

Aplicada ao ensino de literatura, a abordagem contextualmente orientada da estilística, também chamada de estilística pedagógica, visa desenvolver a conscientização literária dos aprendizes (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007). Tal conscientização "depende de atividades que promovam a sensibilização dos aprendizes para a experiência estética verbal" (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007, p. 195). O processo de conscientizar-se literariamente se dá por meio da percepção dos recursos linguísticos responsáveis por efeitos estilísticos durante a leitura.

Os objetivos da conscientização literária incluem o reconhecimento de padrões verbais e da ideologia subjacente na construção de textos literários, fornecendo, portanto, aos aprendizes metalinguagem para que estes possam descrever e avaliar sua experiência literária (ZYNGIER, 1994). Nessa perspectiva, quanto mais os leitores estiverem conscientes acerca do uso estético da

linguagem, mais serão capazes de justificar sua interpretação. A prática da conscientização literária, pois, deve focar como os textos literários significam e não o que significam. (MCRAE & CLARK, 2004)

No que diz respeito ao aspecto cognitivo, o processo de conscientização literária tem como objetivo principal o desenvolvimento da consciência de unidades, padrões, regras e categorias da linguagem em uso, assim como da habilidade de refletir criticamente sobre os textos literários a fim de expressar julgamentos e opiniões apropriados (ZYNGIER, 1994). Assim sendo, tendo em vista a articulação entre conscientização literária e reflexão crítica, é possível discutir questões de gênero e sexualidade na aula de literatura por meio da articulação entre estilística e teoria *queer*.

3. Teoria *queer*: transgredindo as normas de gênero e sexualidade

O termo *queer*, segundo Spargo (2000), "antes lançada ou sussurrada com um insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como uma marca de *transgressão*" (SPARGO, 2000, p. 3). A transgressão, conforme Jenks (2003), "é aquela conduta que destrói as regras e transgride os limites" (JENKS, 2003, p. 3). No contexto dos estudos *queer*, transgredir as regras significa contestar as normas regulatórias de gênero e sexualidade. (BUTLER, 2003)

Nesse sentido, a teoria *queer* questiona a oposição heterossexualidade/homeroatismo, questionando a ideia de que a heterossexualidade é natural e, portanto, compulsória, o que remete ao conceito de heteronormatividade (LOURO, 2004). A heteronormatividade é uma estrutura ideológica onipresente que se refere à noção de que os sujeitos são criados para ser heterossexuais mesmo que não venham a relacionar-se com o sexo oposto. (MISKOLCI, 2012)

Com efeito, a teoria *queer* visa compreender as identidades sexuais e de gênero para além das normas sociais que regulam tais identidades (SULLIVAN, 2003). Assim, os teóricos *queer* buscam

desnaturalizar compreensões heteronormativas das categorias de gênero e sexualidade. De acordo com Louro (2004), a teoria *queer* insere-se no quadro do pós-estruturalismo que estuda a relação entre os sujeitos, a vida social e as práticas de construir significado.

Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente ao sujeito, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso (MOITA LOPES, 2002). Assim, a teoria *queer* encontra na teoria desconstrutivista de Derrida, nas reflexões de Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção de gênero como ato performativo de Butler meios para embasar a crítica à normalização dos gêneros e das sexualidades.

A desconstrução é uma teoria que, além de destacar o caráter construído do significado, proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, uma vez que este se apoiava em oposições binárias, tais como masculino/feminino, heterossexual/homoerótico, para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Derrida (1991) pontua que desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e suas contradições.

A perspectiva da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falocêntrica, conceito útil para pensar a questão do gênero e da sexualidade (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). O modelo falocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o masculino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Derrida, Foucault (2001) enfoca o papel do discurso na construção da sexualidade. De fato, a sexualidade é "uma categoria construída de experiência que têm origens históricas, sociais e culturais" (SPARGO, 2000, p. 12), ou seja, ela não é fruto da biologia ou da genética (FOUCAULT, 2001). Nesse sentido, a sexualidade constitui um dispositivo histórico construído

fundamentalmente pelo discurso religioso e médico-psiquiátrico do século XIX.

A doutrina cristã encarregou-se de condenar o homoerotismo, considerando-o um ato transgressivo, uma sodomia. A explosão de discursos sobre o sexo no século XIX não só atualizou o discurso religioso, mas também transformou o sujeito homoerótico em uma espécie com anatomia e psicologia distintas. Assim, o sujeito homoerótico passa a ser compreendido a partir da sua sexualidade, isto é, "nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas". (FOUCAULT, 2001, p. 43)

Da mesma forma, Butler (2003) afirma que os gêneros são construtos sociais e discursivos, e, assim, atos performativos. A performatividade, para a autora, diz respeito a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos. Nessa perspectiva, a categoria do gênero é resultado de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica.

A noção dos gêneros como atos performativos permite que se desnaturalize o laço entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, dessa forma, torna-se uma categoria inteligível (BUTLER, 2003). Tal inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-sexualidade na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina a sexualidade. Portanto, a concepção butleriana de gênero constitui um modo de desestabilizar as relações normativas que regem os gêneros e as sexualidades.

4. A estilística queer na problematização da identidade homoeerótica masculina

Neste artigo, o que se chama de estilística *queer* baseia-se na análise crítica do discurso, que compreende o discurso como ação sócio-histórica, sendo, portanto, uma prática social, (FAIR-

CLOUGH, 2001). Nesse sentido, o discurso não só representa o mundo e as relações sociais, mas os constroem. Assim, a estilística *queer* é uma abordagem textualmente e contextualmente orientada.

Conforme Fairclough (2001), há três funções da linguagem e dimensões de sentido que interagem em todo discurso, quais sejam, a função identitária, que relaciona-se às formas pelas quais as identidades são estabelecidas no discurso, a função relacional, que refere-se a como as relações sociais entre os participantes do discurso são renegociadas e representadas, e a função ideacional, relacionada a como os textos significam a vida social, assim como contribuem na construção de crenças e sistemas de conhecimento.

Assim, na perspectiva da análise crítica do discurso, a identidade social é compreendida como uma construção discursiva, sendo fragmentada, contraditória e instável (MOITA LOPES, 2002). Desse modo, a análise estilística *queer* busca verificar como, a partir dos padrões linguístico-discursivos, as identidades sexuais e de gênero são construídas, reestruturadas e contestadas no discurso.

Portanto, uma das principais metas da análise crítica do discurso é explicar como os discursos são construídos por relações de poder e pela ideologia dominante (FAIRCLOUGH, 1996). Ideologia pode ser conceituada como a visão de mundo compartilhada por uma determinada classe social, não podendo, portanto, ser dissociada da linguagem. Na verdade, a linguagem expressa e é moldada pela ideologia.

A análise crítica do discurso estuda ainda como os textos, literários ou não, significam em um contexto sócio-histórico particular (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, é preciso compreender que, para cada contexto de enunciação, corresponde um contexto ideológico (BAKHTIN, 2004). Nessa ótica, em todo texto literário convive uma multiplicidade de vozes com pontos de vista e crenças contraditórios. De fato, o discurso romanesco constitui uma arena onde diversos interesses sociais estão em conflito.

Nesse sentido, tendo em vista que, para os teóricos *queer*, as categorias de gênero e sexualidade são construídas social e discursivamente, a estilística *queer* visa compreender como o homoerotismo é representado por meio de escolhas linguístico-discursivas nos textos literários. Assim, a perspectiva *queer* da estilística articula as funções da linguagem postuladas pela análise crítica do discurso com conceitos como performatividade e falocentrismo.

Primeiramente, a análise estilística *queer* do texto literário deve reconhecer o aspecto falocêntrico do discurso que sustenta a ideologia patriarcal, sexista, homofóbica e heteronormativa, reforçando, assim, a dominação masculina e a consequente subordinação das mulheres e de tudo que, de certa forma, está relacionado ao feminino, como o homoerotismo. Tal discurso designa aos sujeitos papéis sexuais e de gênero baseados na sequência sexo-gênero-sexualidade.

Os discursos falocêntricos apoiam-se em uma lógica identitária fundada na polarização e exclusão binárias da diferença sexual (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Centrada no masculino, a percepção ocidental de diferença sexual aproxima-se mais da noção de dicotomia do que de diferença. O sistema dicotômico binário atribui significados e valores específicos a sujeitos e coisas que compõem a realidade.

Nesse sentido, a análise estilística *queer* de textos literários visa desconstruir os discursos falocêntricos, possibilitando a reorganização semântica dos significados comumente atribuídos às categorias de gênero e sexualidade (MOITA LOPES, 2013). Desse modo, os aprendizes serão capazes de questionar a ideologia subjacente ao sistema falocêntrico que sustenta os discursos heteronormativos.

Como a ordem do discurso falocêntrico produz oposições binárias herarquizantes, as escolhas de determinados itens lexicais pelo autor podem revelar a presença de ideologias estreitamente relacionadas ao discurso religioso e médico ou ao movimento de defesa dos direitos civis de sujeitos homoeróticos. Não é raro en-

contrar palavras pejorativas para referir-se a esses sujeitos, mesmo por autores abertamente homoeróticos.

O fato de que alguns personagens de obras literárias empreguem termos como "bicha" e "viado" em português ou "*queer*" e "*fag*" em inglês pode constituir uma estratégia do autor para destacar o imaginário social em relação ao homoerotismo. Tal emprego, muitas vezes, funcionam como atos performativos (BUTLER, 2003), ou seja, como atos que criam o sujeito homoerótico como pecador, desviante, doente, criminoso etc. (FOUCAULT, 2001)

Além disso, adjetivos utilizados pelo narrador ou pelos personagens para qualificar os sujeitos homoeróticos pode refletir estereótipos de gênero e sexualidade. Os estereótipos, conforme Butler (2003), são construções sociais e mentais que fazem com que sujeitos e eventos tornem-se compreensíveis. Assim, os sujeitos projetam os estereótipos no mundo para que este faça sentido.

Outra questão importante é o uso do discurso direto ou indireto pelo autor. No discurso direto, a subjetividade do personagem é mantida por meio da citação literal do seu discurso (BAKHTIN, 2004). Assim, é possível retratar fielmente os pensamentos dos personagens acerca dos acontecimentos. O discurso indireto, em contrapartida, permite que o autor manipule o discurso dos personagens para servir a seus interesses.

Assim, o discurso direto de um personagem pode revelar como ele compreende sua identidade sexual e como percebe as sanções morais e sociais às quais tal identidade está submetida. No discurso indireto, quando não se identifica o personagem autor do enunciado, o narrador pode inserir no discurso alheio seu posicionamento ideológico em relação ao homoerotismo.

5. Considerações finais

Tendo em vista que a escola é uma das instituições sociais que constroem as categorias de gênero e sexualidade através de práticas discursivas que marginalizam aqueles sujeitos que não se

conformam com o modelo heteronormativo da sociedade (LOURO, 2004), a aula de literatura constitui um espaço onde a identidade homoerótica masculina pode ser problematizada a fim de enfrentar a homofobia.

Assim sendo, o texto literário deve ser compreendido a partir da sua relação com os aspectos sócio-históricos, refletindo certa visão de mundo e possibilitando o questionamento, consentimento ou recusa por parte do leitor (ZYNGIER & FIALHO, 2010). Nesse sentido, a estilística *queer*, por meio da análise de padrões linguístico-discursivos dos textos literários, visa problematizar a construção da identidade homoerótica, atentando para como esses padrões são estratégias para marginalizar ou legitimar identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTER, R. Foreword. In: WATSON, G.; ZYNGIER, S. (eds.). *Literature and stylistics for language learners: theory and practice*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyros, 1991.

_____; ROUDINESCO, E. *De que amanhã: diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

- JENKS, C. *Transgression*. London/New York: Routledge, 2003.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MCRAE, J.; CLARK, U. Stylistics. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Eds.). *Handbook of applied linguistics*. Oxford: Blackwell, 2004.
- MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- NORGAARD, N.; MONTORO, R.; BUSSE, B. *Key terms in stylistics*. London: Continuum, 2010.
- SIMPSON, P. *Stylistics: a resource book for students*. London/New York: Routledge, 2004.
- SPARGO, T. *Foucault and queer theory*. Cambridge: Icon Books, 2000.
- TÍLIO, R.; SOUTO JÚNIOR, E. M. de. Gênero e sexualidade em livros didáticos: impactos da avaliação do PNLD. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). *As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos*. Campinas: Pontes, 2014.
- SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.
- ZYNGIER, S. *At the crossroads of language and literature: literary awareness, stylistics and the acquisition of literary skills in a eflit context*. 1994. Tese (de Doutorado). – University of Birmingham (England).

_____. Towards a cultural approach to stylistics. In: *CAUCE, Revista de Filología y su Didáctica*, n. 24, p. 365-380, 2001.

_____; FIALHO, O. Pedagogical stylistics, literary awareness and empowerment: a critical perspective. *Language and Literature*, vol. 19, n. 1, p. 13-33, 2010.

_____; _____. RIOS, P. A. do P. Revisiting literary awareness. In: WATSON, G.; ZYNGIER, S. (Eds.). *Literature and stylistics for language learners: theory and practice*. London: Palgrave Macmillan, 2007.